



**BOM JESUS DA LAPA (BA), “A CAPITAL BAIANA DA FÉ”:
CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICO-HISTÓRICA DA DINÂMICA
TERRITORIAL E REFLEXÕES SOBRE O TURISMO RELIGIOSO**

Silvano Messias dos Santos

Universidade Federal do Oeste da Bahia

silvannomessias@yahoo.com.br

Paulo Roberto Baqueiro Brandão

Universidade Federal do Oeste da Bahia

paulo.baqueiro@ufob.edu.br

RESUMO: Localizada no centro-oeste da Bahia, na região que compreende o Médio Vale do Rio São Francisco, Bom Jesus da Lapa é conhecida como a “Capital Baiana da Fé” e, ao longo de mais de três séculos, sua Gruta, vista como espaço sagrado de devoção, atrai anualmente milhares de romeiros para a considerada terceira maior romaria do Brasil, nos meses entre julho e outubro, período em que ocorrem na cidade três grandes manifestações religiosas: a Romaria da Terra e das Águas, a Festa do Bom Jesus e a Festa de Nossa Senhora da Soledade. Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar um exame geográfico-histórico da dinâmica territorial de Bom Jesus da Lapa, com ênfase no turismo religioso. Para tanto, traçou-se um histórico de Bom Jesus da Lapa e sua formação territorial, abordando sobre a importância do planejamento e da gestão para a promoção do turismo sagrado sustentável como um exercício de cidadania, a partir da identificação dos pontos fortes e fracos, das ameaças e oportunidades que envolvem essa atividade econômica que muito tem contribuído para o desenvolvimento local.

PALAVRAS-CHAVE: Bom Jesus da Lapa. Turismo religioso. Aspectos geográfico-históricos.

EIXO: Cidade, Cultura e Identidade



1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, que está vinculado à pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências Ambientais, da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB, tem como principal objetivo apresentar um exame geográfico-histórico da dinâmica territorial de Bom Jesus da Lapa.

Assim sendo, este trabalho está estruturado em três seções principais: i) apresenta informações gerais sobre Bom Jesus da Lapa, a partir de dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e de alguns estudos realizados sobre a cidade; ii) aborda a formação territorial de Bom Jesus da Lapa, à luz de um percurso histórico; e iii) traz algumas reflexões a acerca do turismo religioso de Bom Jesus da Lapa, pontuando a importância da gestão e planejamento de ações que promovam sua sustentabilidade como um exercício de cidadania, haja vista que, dentro de uma concepção de turismo responsável, “é necessário que o crescimento econômico e o desenvolvimento sócio-cultural e ambiental integrem o planejamento da atividade turística” (MONTORO, 2003, p. 18).

2. BOM JESUS DA LAPA, “A CAPITAL BAIANA DA FÉ”: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL

Fundada em 1923 pelo Decreto Nº 1.682, de 31 de agosto de 1923, assinado pelo então governador do Estado da Bahia, José Joaquim Seabra, Bom Jesus da Lapa está situada a 796 km da capital do estado, Salvador, e possui uma área total de 4.115, 524 km², tendo, portanto, 92 anos de emancipação política, com aniversário em 31 de agosto (SEGURA, 1937; ALVES, 2014; IBGE, 2016). Estima-se, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (BRASIL, 2016), que Bom Jesus da Lapa é o 30º maior município da Bahia, possuindo atualmente uma população estimada em 69.526 habitantes (densidade demográfica = 15,11 hab/km²).



Inserida na área que compreende o Polígono das Secas, Bom Jesus da Lapa é banhada pelo rio São Francisco, que percorre cerca de 70 km município adentro, e tem como limítrofes os seguintes municípios: Paratinga, Riacho de Santana, Serra do Ramalho, Sítio do Mato. Com altitude média equivalente a 483,82 metros e clima geralmente quente e seco (temperaturas médias que normalmente variam entre 18-33 °C e chuva de maior intensidade entre outubro-março), Bom Jesus da Lapa está situada na região centro-oeste da Bahia (zona de transição cerrado-caatinga), no contexto da Zona Fisiográfica do Médio São Francisco ou Mesorregião do Vale São-Franciscano (IBGE, 2016).

Em relação às áreas urbanas do município, Bom Jesus da Lapa está estruturada, para além do Centro, em 29 bairros, a saber: Amaralina, Barrinha (localizado à esquerda do rio São Francisco), Beira Rio, Cavalhadas, João Paulo II, Jurema, Guarani, Lagoa Grande, Loteamento Mirante da Lapa, Loteamento Nova Lapa, Loteamento São Conrado, Magalhães Neto (conhecido como “As Casinhas”), Maravilhas I e II, Maribondo, Nova Brasília, Nova Jerusalém (Campinhos), Parque Verde, Residenciais Primaveras I e II, Residencial Bom Jesus da Lapa, Salinas, São Gotardo, São João, São Miguel, Senhora da Soledade, Shangri-lá, Vila Nova e Residencial Vale Verde.

Tendo como lema “A Capital Baiana da Fé e da Fruta: quem chega a estas paisagens jamais a esquece”, Bom Jesus da Lapa possui uma característica bastante peculiar em relação às demais cidades baianas: o turismo religioso, que a realça como um dos maiores cenários de misticismo e fé cristã no Brasil. O Santuário do Bom Jesus atrai, anualmente, milhares de visitantes (romeiros, devotos, turistas, expectadores), para a considerada terceira maior romaria do Brasil, nos meses entre julho e outubro, período em que ocorre na cidade três grandes manifestações religiosas: a Romaria da Terra e das Águas, a Festa do Bom Jesus e a Festa de Nossa Senhora da Soledade (KOCIK, 1988; BARBOSA, 1996; STEIL, 1996; OLIVEIRA, 2011; ALVES, 2014).

Ao tecer reflexões sobre a romaria de Bom Jesus da Lapa, como prática do catolicismo popular, Oliveira (2011) assim se manifesta:



Os relatos bíblicos inculcados no sertão, os valores e princípios morais que foram sendo sedimentados na cultura popular, os mitos católicos e milenaristas anunciados nos púlpitos e difundidos na tradição oral, os rituais e orações repetidas nos cultos oficiais e nos espaços clandestinos, os santos e heróis do catolicismo colonial e moderno, as cosmologias religiosas e as visões de mundo tradicionais e secularizadas são alguns elementos dessa narrativa inscrita na geografia da Lapa e continuamente atualizada nos discursos de peregrinos, moradores e dirigentes do santuário. (OLIVEIRA, 2011, p. 250)

À luz do exposto, recortado em galerias e grutas sagradas, o Morro da Lapa, ao longo de mais de três séculos, tem sido espaço de visita e devoção, transformando-se, pois, em “Santuário do Senhor Bom Jesus da Lapa, como igreja estabelecida, local de religiosidade, lugar de descanso para os viajantes, centro de peregrinação e romaria” (ALVES, 2014, p. 19-20). Mais à frente, continuaremos esse diálogo.

3. BOM JESUS DA LAPA, FEITA DE PEDRA E LUZ: UM POUCO DE HISTÓRIA

Segundo informações disponibilizadas pelo IBGE (2016) e estudos realizados por Segura (1937), Rocik (1988), Oliveira (2008) e Alves (2014), por exemplo, a região onde hoje está situada Bom Jesus da Lapa era primitivamente habitada pelos índios Tapuias. Em relação à povoação local, os mesmos pesquisadores afirmam que foi à sombra do Santuário do Bom Jesus que a cidade de Bom Jesus da Lapa começou sua existência e que em 1691, quando Francisco Mendonça Mar chegou na região, apenas palhoças indígenas existiam entre o morro e o rio São Francisco.

No entanto, conforme relata Castro (2008, p. 34), outras versões “versões impregnadas com elementos míticos-folclóricos do catolicismo popular [...] procuram explicar a origem do Santuário e das romarias”. Assim continua o autor:

Algumas pessoas acreditam que a gruta foi descoberta por um vaqueiro perseguindo um boi, que teria se desgarrado do rebanho. Entretanto, a versão histórica mais aceita é a aquela que consta nas publicações dos padres redentoristas e de Kocik (2000) que relata a



saga do ourives português Francisco Mendonça Mar que, após sair da prisão, teria se deslocado como andarilho pelo sertão baiano quando encontrou as grutas da Lapa onde depositou as imagens de Jesus Cristo e de Maria que carregava. (CASTRO, 2008, p. 34)

Nesta época, a Lapa era uma região que pertencia à sesmaria do Conde da Ponte, Antônio Guedes de Brito. Em outras palavras, Lapa situava-se em uma das muitas regiões da Bahia cujas terras eram consideradas improdutivas pelos reis de Portugal, que as abandonavam e cediam aos novos povoadores. Historiadores relatam que foi no final do século XVII que deu-se início ao desbravamento do território, pelas bandeiras organizadas pelo proprietário da sesmaria do Conde da Ponte, o sargento-mor e mestre de campo Antônio de Brito, que acumulou muitas terras como herança avoenga e de tios sem descendentes, além das compras de territórios de outros sesmeiros, estendendo, assim, seus domínios pelas serras Tanhaçú e regiões dos rios Jacuípe, Itapicurú, Paraguassú e São Francisco (KOCIK, 1988; ALVES, 2014)

Deste modo, comandados pelo Conde da Ponte, os bandeirantes invadiram o sertão baiano, instalando fazendas de gado. Dentre as muitas propriedades ocupadas à força para o domínio do sesmeiro, estava a Fazenda Morro, que deu origem ao povoado Bom Jesus. Porém, somente após a chegada de Francisco Mendonça Mar, em 1691, que o povoamento foi impulsionado. Mais conhecido como Padre Francisco da Soledade – hoje reconhecido como fundador do Santuário de Bom Jesus da Lapa –, o português Francisco de Mendonça Mar (artista plástico, lapidário, ourives, pintor e sacerdote católico) nasceu em Lisboa, em 1657, e faleceu com fama de santo em Bom Jesus da Lapa, em 1722, aos 65 anos, sendo sepultado no interior da gruta (ALVES, 2014).

Entretanto, de acordo com Oliveira (2008), que cita Carneiro (1905), o primeiro a visitar a Gruta da Lapa não foi Mendonça Mar: teria sido o capitão donatário de Pernambuco, Duarte Coelho, entre 1543 e 1550, em viagem de exploração. Segundo os autores, além de Duarte Coelho, o Morro da Lapa também recebeu outras visitas:

Os componentes da primeira bandeira, organizada em 1553, pelo primeiro Governador Geral, Tomé de Souza, chefiada pelo espanhol Francisco Buzza Espinosa, da qual também fazia parte o Jesuíta



Aspicueta Navarro, chegou a conhecer a gruta. E o bandeirante Belchior Dias Moreira, o Muribeca, deixou sinais de sua passagem nas inscrições que fez no teto da sala de milagres, desaparecidas no incêndio de 1903, e nas que se conservam ainda hoje, no lado do cerro, e que teriam sido escritas no ano de 1602. (CARNEIRO, 1905 *Apud* OLIVEIRA, 2008, p. 04)

Sabe-se que foi a partir de 1663 que Antônio Guedes de Brito passou a dominar a região onde hoje Bom Jesus da Lapa está situada, ou seja, 28 anos antes de Francisco Mendonça Mar chegar às terras ribeirinhas e transformar o Morro da Lapa em moradia e templo de fé e peregrinação (ALVES, 2014).

3.1 A FUNDAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO SANTUÁRIO DE BOM JESUS DA LAPA

Filho de ourives com tradição católica, Francisco Mendonça Mar quando veio de Portugal para o Brasil instalou-se em Salvador, em 1659, investindo em sua própria oficina de ourivesaria, que administrava com o auxílio de escravos. Porém, em função de suas habilidades como pintor, foi contratado em 1688 por Matias da Cunha, então governador do Brasil, para decorar o Palácio da Aclamação, situado em Salvador e que foi utilizado durante meio século como residência oficial de governadores. Após o término das atividades, Mendonça Mar, que havia, inclusive, investido recursos próprios para a finalização dos trabalhos, dirigiu-se ao governador para exigir pagamento, mas foi açoitado e preso juntamente com seus escravos (ALVES, 2014).

Somente após enviar carta a Dom João V, então Rei de Portugal, relatando seus infortúnios, Mendonça Mar conseguiu liberdade. De origem católica, como mencionado, decidiu despojar-se de todos os seus bens, deu liberdade a seus escravos e, afirmando ser a busca pela salvação eterna o único sentido e propósito profícuo da vida, comprou duas imagens sagradas: uma do Senhor Bom Jesus (o Cristo Crucificado) e outra da Virgem Santa, a Nossa Senhora da Soledade (ROCIK, 1988). Registros



revelam que, de posse dessas duas imagens e vestindo um grosso burel, Mendonça Mar enveredou-se pelo sertão da Bahia em busca de um lugar solidário, decidido a sacrificar sua vida por Deus.

Exposto à fome, sede, doenças, sol intenso e animais selvagens, Mendonça Mar caminhou cerca de 200 léguas (≈ 1.200 km), durante meses, até avistar um morro, às margens do rio São Francisco, então habitadas por aldeias de índios Tapuias. Ao adentrar na gruta encravada no morro, deparou-se com uma fenda na rocha proporcional à cruz que carregava e resolveu assentá-la ali, decidido a fazer daquele local sua nova morada, um lugar de oração. Começou, então, sua vida de eremita, devoto de Jesus e Maria da Soledade, sobrevivendo da pesca e de pequenos cultivos (ALVES, 2014).

Fato curioso é que, concomitante à chegada de Mendonça Mar à Gruta do Bom Jesus, as primeiras minas de pedras preciosas foram descobertas em regiões de Minas Gerais e o rio São Francisco, durante o Ciclo do Ouro (século XVII), era considerado o caminho mais viável para se penetrar o interior do Brasil, “ocupando uma posição estratégica na ligação entre o litoral e o interior do país, quando grande número de pessoas das províncias de beira-mar se transportavam com seus escravos para Minas” (OLIVEIRA, 2011, p. 249), o que deu início a uma movimentação cada vez maior em torno do Morro da Lapa (levas de aventureiros, mascates, vaqueiros, caçadores de ouro), onde muitos paravam para repouso e, diante das imagens do Bom Jesus e da Mãe Soledade colocadas por Mendonça Mar num altar da capela-mor da Gruta, aproveitavam para rezar, agradecer, fazer/pagar promessas, pedir proteção.

Conhecido como o “Monge da Gruta”, Mendonça Mar foi se familiarizando na região, na medida em que evangelizava os índios e as pessoas que passavam pelo local, dando-lhes abrigo e fazendo obras de caridade, trazendo para junto de si doentes, pobres, idosos. O fato é que as notícias relacionadas à sua figura como pregador do Evangelho de Jesus na região da sesmaria do Conde da Ponte, Antônio Guedes de Brito, chegaram ao conhecimento do então Arcebispo da Bahia, Dom Sebastião Monteiro da Vide, que enviou, em 1702, um Visitador Geral até a região para certificar-se sobre a



existência “desse homem santo que habitava uma gruta e fazia milagres”. Diante das informações favoráveis levadas pelo Visitador Geral, inclusive acerca da pequena romaria que já se iniciava à gruta em busca pelo Bom Jesus e pela Nossa Senhora da Soledade, Dom Sebastião Monteiro da Vide decidiu erigir a gruta como capela, intitulada igreja de “Senhor Bom Jesus e Nossa Senhora da Soledade” (ALVES, 2014).

Assim, em 1706, a pedido do Arcebispo da Bahia, Mendonça Mar viajou para Salvador a fim de preparar-se para o sacerdócio, ordenando-se padre em 1709, após três anos de estudos (ALVES, 2014). Passou-se, então, a ser chamado Padre Francisco da Soledade, nome dado em homenagem à santa a qual era devoto, a Mãe Soledade.

O ritmo das celebrações religiosas acelerou e a gruta passou a ser cada vez mais procurada como espaço de visitação e adoração. Padre Francisco da Soledade continuou suas ações beneficentes, na medida em que organizava cultos, acolhia desabrigados e idosos, curava enfermos e administrava sacramentos, expandindo, assim, a popularização do Bom Jesus e da Nossa Senhora da Soledade, cada vez mais aclamados pelos fiéis. Com o tempo, em torno do morro, devotos foram agregando-se, decididos a construir moradias e, assim, integrado às aldeias tapuias, nasceu um povoado, que recebeu o nome de arraial Bom Jesus da Lapa (ROCIK, 1988; ALVES, 2014).

Segundo Oliveira (2008), entre 1670 e 1745, pouco se sabe sobre a história do povoado de Bom Jesus da Lapa, mas traz dados sobre os períodos posteriores.

Em 1750, havia um arraial de cerca de 50 casas de barro cobertos de palha. Cem anos depois, em 1852, um grupo de geólogos austríacos, em relatório que escreveu sobre a região de Bom Jesus da Lapa e de São Francisco, conta que o arraial da Lapa tinha 128 casas com duzentos e cinquenta sedentários. Dezoito anos depois, a Lapa era considerada distrito de paz e possuía delegacia e cerca de 405 casas habitadas por 1.400 pessoas. (OLIVEIRA, 2008, p. 3-4)

Assim, difundido pelo seu santuário, o arraial de Bom Jesus da Lapa foi destino de constantes peregrinações, que, ao longo dos anos, transformaram em grandes e permanentes romarias, refletindo no desenvolvimento do povoado. Em 1890, a



localidade foi elevada à categoria de vila, pelo Decreto Estadual de 18 de setembro, assinado por Virgílio Clímaco, então governador do Estado (OLIVEIRA, 2008).

Quatro anos depois (em 1894), a Capelanía da Lapa do Bom Jesus foi elevada à categoria de Curato. Oito anos mais tarde, ou seja, em 1902 – um ano antes do incêndio na Gruta do Bom Jesus –, chegaram em Bom Jesus da Lapa os padres Agostinianos, que trabalhariam no Santuário e atenderiam a pastoral na região durante os próximos 15 anos. Faz-se oportuno registrar que Bom Jesus da Lapa foi elevada à categoria de Município no final do século XIX, pelos atos ocorridos nos dias 18 e 19 de agosto de 1890, instalando-se em 07 de janeiro de 1891 com o desmembramento de território do município de Urubu, depois Rio Branco e atual Paratinga (OLIVEIRA, 2008). Em 1911, o município foi constituído pelo distrito-sede; porém, a elevação à condição de cidade com denominação de Bom Jesus da Lapa se deu 12 anos depois, pela Lei Estadual nº 1682, de 31 de agosto de 1923, como mencionado anteriormente.

Em 1931, o município de Bom Jesus da Lapa passou a denominar-se somente “Lapa”, através de dois decretos: Decreto nº 7455, de 23 de junho de 1931, e Decreto 7479, de 08 de agosto de 1931. Em 1933, o município, ainda com a denominação de Lapa, aparece constituído dos seguintes distritos: Lapa e Sítio do Mato. Quatro anos após receber a denominação de Lapa, em 1935 o município volta a designar-se Bom Jesus da Lapa, através do Decreto Estadual nº 9571, de 22 de junho do referido ano.

3.2 O MORRO DA LAPA: SANTUÁRIO RELIGIOSO DE BOM JESUS DA LAPA

Composto por mais de 15 grutas e considerado um “Santuário Religioso” de pura devoção, o Morro da Lapa (que está inserido no perímetro urbano de Bom Jesus da Lapa e, portanto, localizado à margem direita do rio São Francisco), possui as seguintes dimensões: cerca de 93 metros de altura, 400 metros de largura e aproximadamente 1.000 metros de extensão (ALVES, 2014). Ao tecer reflexões sobre a romaria e a história de Bom Jesus da Lapa, Kocik (1988) assim descreve o Santuário do Bom Jesus:



Margeando o rio São Francisco, bem no sertão baiano; aí é que se localiza o Santuário do Bom Jesus da Lapa. Vê-se imponente, um maciço de calcário, de noventa metros de altura, recortado em galerias e grutas. De cor negra, o penhasco carrega em si a vegetação comum da região castigada pela seca. O morro parece um retalho de montanha calcária, isolado no meio de uma planície, com a base quase dentro da água e a margem coroada de cactos, bromélias de espinhos e minaretes de formas diversas. Nele se encontram várias grutas: a do Bom Jesus [...]; a da Soledade [...] e, além disso, para admiração dos romeiros e visitantes, existem outras lindas grutas menores. (KOCIK 1988, p. 62)

Como mencionado, dentre as principais atrações do Morro da Lapa está a gruta que serve como igreja: a Gruta do Bom Jesus, possuindo 50 metros de comprimento, 15 metros de largura e 7 metros de altura (KOCIK, 1988). Além dessa, outras grutas formam o morro: Gruta da Ressurreição, Gruta de Belém, Gruta de Maria Madalena, Gruta de Santa Luzia, Gruta de Santo Afonso, Gruta dos Santos Mártires, Gruta de Nossa Senhora Aparecida, Gruta de Nossa Senhora da Soledade (a maior em extensão, com mais de 1.000 m² e sendo uma das principais atrações), Gruta dos Milagres, Gruta Nossa Senhora Aparecida, Gruta Santa Helena, Gruta São Francisco, Gruta São Geraldo, Gruta São Geraldo do Santíssimo Sacramento (KOCIK, 1988; ALVES, 2014).

A Gruta do Bom Jesus da Lapa, de acordo com Oliveira (2011, p. 249), “está localizada numa caverna natural de acesso à esplanada e funciona como a matriz e catedral da cidade, onde são celebradas as missas e os sacramentos”. Complementando, segundo Oliveira (2008), o Morro da Lapa, durante mais de três séculos, é a pura definição de *santuário*. Assim o autor define santuário:

A palavra santuário vem do latim *Santum Santorum*, que quer dizer santos dos santos. Santuário é o templo, ou o edifício consagrado às cerimônias de uma religião, lugar santo em geral. Em sentido restrito ele significa a parte da igreja onde se celebram as missas. Santuário é o lugar recôndito ou pedado ao público, destinado a guardar ou conservar objetos dignos de veneração. (OLIVEIRA, 2008, p. 08)



A romaria, nas palavras do autor supracitado, “não tem data específica para os diversos e milhares de crentes. Ela pode acontecer a qualquer dia, a qualquer momento. O que é específico é a data da festa do santuário ou do padroeiro” (idem, p. 10).

Com relação a Bom Jesus da Lapa, seu potencial turístico pode ser explorado o ano todo. Hoje, a cidade – que recebeu os títulos de “Meca dos sertanejos” (no livro “Os sertões”, de Euclides da Cunha), “Meca do São Francisco”, “Capital Baiana da Fé” e “Primeira das sete maravilhas do Brasil” – concentra, no mês de agosto, a terceira maior romaria do país, conhecida como a romaria do Bom Jesus, que atrai milhares de fiéis todos os anos (ALVES, 2014), mas possui outras festas religiosas de destaque, como a Romaria da Terra e das Águas e a Festa da Nossa Senhora da Soledade, já mencionadas.

4. O TURISMO RELIGIOSO DE BOM JESUS DA LAPA: ALGUMAS DEFINIÇÕES

Segundos dados do IBGE (BRASIL, 2016), as principais atividades econômicas do município de Bom Jesus da Lapa são a agricultura, a pesca, o comércio, a pecuária e o turismo. Para Castro (2008, p. 34), a sacralização do morro e das grutas de Bom Jesus da Lapa – procurados há três séculos por crentes católicos de várias partes do Brasil –, “dinamizou o fluxo de romeiros e produziu formas no entorno sacral com funções ligadas ao comércio e aos serviços relacionados aos espaços devocionais”.

Neste sentido, para Oliveira (2011, p. 249), citando Steil (1996), a “romaria não apenas colocou o Bom Jesus da Lapa como uma das principais cidades religiosas do Brasil, como também constitui a base da sua economia”, tornando-se, de certa forma, “responsável pela sua diferenciação em relação aos demais municípios da região”. Mas, à essa altura da discussão, uma pergunta se emerge: o que se entende por turismo?

Como possível reflexão, Coriolano, Leitão e Vasconcelos (2009) expõem:

As imagens do turismo consolidadas ao longo do século XX produziram signos e símbolos impregnados de significados simultaneamente criativos e destrutivos. Ao mesmo tempo que a atividade turística simboliza o uso e a apropriação (muitas vezes



inadequada) de ambientes naturais e culturais, transfigurando-os em espaços de lazer e consumo, concentração de riquezas, especulação, segregação de espaços, degradação de ambientes, destruição de expressões culturais, exploração de trabalhadores, também simboliza o empreendedorismo, a conquista, a descoberta e sonho de muitas pessoas. (CORIOLANO, LEITÃO & VASCONCELOS, 2009, p. 29)

“A complexidade e a diversidade presentes no turismo têm originado uma enorme quantidade de definições” (BARRETTO, 2000, p. 18). De acordo com a autora, trata-se de um fenômeno social que “abrange o mundo inteiro pois, a partir do processo de globalização das economias e da cultura, [atinge] todas as camadas e grupos sociais” (idem, p. 18). Porém, segundo Boyer (2003, p. 31), até meados do século XX o turismo era privilégio de uma minoria, a elite, de quem o turismo contemporâneo é herdeiro, passando-se “de um pequeno número às massas sem revolucionar o conteúdo” e apresentando-se, hoje, sob as mais diversas formas, assumindo natureza pluridisciplinar e constituindo-se cada vez mais “como fenômeno a sobressair na economia” nacional e internacional (MONTORO, 2003, p. 15).

Entendendo-o como ramo das ciências sociais que transcende a mera esférica econômica, o turismo, nas palavras de Montoro (2003, p. 15), “constitui um fenômeno social, dado que implica o deslocamento de grandes contingentes de pessoas, que passam a ser habitantes temporários de locais, nos quais não residem, e criam múltiplos impactos nessa sociedade ou comunidade receptora”.

Problematizando Montoro (2003), que afirma ser o século XXI a era do turismo e que sua importância no Brasil não pode ser ignorada, Boyer (2003, p. 15-16) salienta que o turismo é um produto da evolução sociocultural, um tipo específico de consumo, caracterizado pelo deslocamento de pessoas que, ao buscarem lazer, satisfazem uma necessidade cultural da civilização industrial, onde “o desejo de ter acesso ao lazer e à cultura são o fruto de uma produção e de um consumo de massa”.

Nesta perspectiva, Boyer (2003), ao tecer reflexões sobre a extensão do turismo a novas categorias, sinaliza que até meados do século XX os termos “turismo” e “turista” não eram adjetivados. Porém, hoje o turismo pode apresentar-se sob diversas



formas: turismo de massa, turismo urbano, turismo rural, turismo popular, turismo social, turismo religioso, ecoturismo, turismo sustentável, dentre outras categorias.

De acordo com Oliveira (2011), o turismo religioso de Bom Jesus da Lapa pode enquadrar-se como turismo de massa; afinal, embora o Santuário do Bom Jesus seja cenário de visitação o ano inteiro,   nos meses de julho, agosto e setembro (em função dos festejos relacionados   Romaria da Terra e das águas,   Romaria do Bom Jesus e   Romaria de Nossa Senhora da Soledade, respectivamente) que a cidade recebe um número expressivo de visitantes, vindos de diferentes regiões do Brasil.

Uma vez discutido sucintamente acerca de alguns entendimentos sobre turismo, o que podemos dizer em rela o ao *turismo religioso*?

Como possível reflexão acerca desse questionamento, Oliveira (2004) afirma que o turismo religioso, motivado pela celebra o, pela cultura da fé, identifica um campo específico de práticas sociais muito contemporâneas que pode enquadrar-se no turismo de massa ou no ecoturismo, que, por sua vez, diz respeito a uma das tendências de turismo que mais cresce na indústria do turismo mundial, por considerar a necessidade de utiliza o sustentável do meio natural e cultural.

Portanto, conforme salienta o autor ora supracitado, na medida em que o termo *religiosidade* refere-se   “maneira como a cultura religiosa   geograficamente vivenciada” (idem, p. 17), o *turismo religioso* precisa ser pensado como uma prática com identidades, defini es e limita es, com origem no exercício contemporâneo da peregrina o. Assim, então, define turismo religioso: “aquele turismo que não perdeu sua raiz peregrina”, sendo, portanto, “uma peregrina o contemporânea motivada por celebra es relacionadas direta ou indiretamente com a cultura cristã” (idem, p. 16-18).

Vinculando-a ao sacrifício e   f , assim Oliveira (2004) define *peregrina o*:

O ato de peregrinar tende a ser, antes de tudo, um ritual das origens nômades dos grupos humanos. Peregrina-se em busca de algo mais significativo; em busca da vida que supera simples sobrevivência. Neste sentido, simbolicamente, a peregrina o comporta-se como *uma viagem de volta, um retorno*. Peregrinar   voltar ao campo, ao espaço



aberto, ao lugar de origem, à terra dos antepassados; ao centro ou umbigo do mundo. (OLIVEIRA, 2004, p. 15)

Em relação à romaria de Bom Jesus da Lapa, verifica-se esses sentidos e significados que Oliveira (2004) atribui ao termo peregrinação: para o turista religioso, peregrinar até o Santuário do Bom Jesus significa, de fato, a “busca pela vida que supera a simples sobrevivência”, “uma viagem de volta”, um retorno ao “centro-umbigo do mundo” (que seria Deus) para fazer e pagar promessas, pedir proteção, agradecer, sintonizar-se com o divino e também divertir.

Nesta perspectiva, segundo outra autora, Oliveira (2011, p. 247), “usa-se o termo “romaria”, para identificar o deslocamento de pessoas (populares) para o lugar sagrado em reverência ao santo” e, neste sentido, o santuário de Bom Jesus da Lapa, por retratar a fé do sertanejo em sua essência mais mística e litúrgica, sempre foi objeto de interesse, transformando Bom Jesus da Lapa no “mais celebrado dos santuários sertanejos de peregrinação popular, o que transforma a cidade em um berço cultural baiano” (idem, p. 249). Ainda de acordo com a autora,

[...] a experiência religiosa é uma forma de entender o homem com capacidade de produzir símbolos, sendo, portanto, produtor de cultura, crenças e ideias coletivas. Cultura e religião são fenômenos que se correspondem, pois não só têm raízes na natureza social de produzir sentido e estabelecer relações sociais, como também abrem espaço de diálogo entre indivíduo e sociedade. (OLIVEIRA, 2011, p. 255)

Vale assinalar que se em outros tempos, não tão distantes, o turismo era restrito à elite, hoje o próprio Estado entende sua responsabilidade na gestão do turismo, garantindo-o aos cidadãos como direito ao lazer e assegurando o seu planejamento à luz de políticas responsáveis, que sejam sustentáveis do ponto de vista ambiental, produtivas do ponto de vista econômico e justas do ponto de vista social.

Dentro de uma visão mais contemporânea, é necessário que o crescimento econômico e o desenvolvimento sócio-cultural e ambiental integrem o planejamento da atividade turística. O turismo sustentável [...] envolve a conservação do local turístico e do meio



ambiente natural e cultural com garantia de melhores condições de vida à população. (MONTORO, 2003, p. 18)

Não pode-se, portanto, ignorar a importância/necessidade da gestão e do planejamento de ações que promovam a sustentabilidade no turismo religioso como um exercício de cidadania, uma vez que o meio ambiente precisa ser entendido “como o conjunto de elementos do meio humano, histórico e cultural, físico e moral, geográfico e técnico, susceptíveis de afetar o movimento turístico ou de serem afetados por este” (DIAS, 2003, p. 54). Portanto, dentre essas ações, faz-se necessário repensar a formação de cidadãos, preparando-os para o turismo.

Para tanto, os desafios, obviamente, são numerosos, dentre os quais a educação ambiental em espaços formais e informais de educação, como as escolas (em todas as modalidades e níveis de ensino), bem como a importância da conscientização pública voltada à preservação ambiental. Afinal, como bem salientam Berger (1985) e Girard (1988), a religião – e, portanto, o turismo religioso – cumpre o papel de legitimadora das instituições sociais, exercendo, deste modo, função basilar dentro do contexto social, como pode-se perceber nas discussões tecidas ao longo deste trabalho.

5. PARA NÃO CONCLUIR, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Neste trabalho, pretendeu-se apresentar uma contextualização geográfico-histórica de Bom Jesus da Lapa, trazendo alguns apontamentos sobre o turismo religioso, que representa para a cidade uma importante oportunidade de empreendedorismo (empoderamento econômica e social).

As discussões trazem algumas evidências relacionadas à política, planejamento e gestão do turismo religioso de Bom Jesus da Lapa, dentre elas a necessidade de:

- Elaborar estudos/diagnósticos de impactos socioambientais, para a concepção de um projeto turístico que assegure sua sustentabilidade;



- Analisar os efeitos econômicos, sociais, culturais e ambientais do turismo, reconhecendo a importância da participação comunitária no planejamento e criação/participação em programas de sensibilização e desenvolvimento do turismo responsável e ético;
- Elaborar planos estratégicos voltados à proteção da saúde e segurança, tanto dos turistas como dos moradores locais, em parceria e interdisciplinaridade com os diferentes profissionais e áreas;
- Identificar os pontos fortes e fracos do turismo religioso, suas ameaças e oportunidades, reformulando planos de ação que oportunizem a resolução de problemáticas socioambientais geradas pela prática do turismo sagrado insustentável (infraestrutura urbana, gestão dos resíduos sólidos, manutenção da higiene pública, gestão do tráfego, sistema de esgoto, abastecimento de água, poluição sonora e do rio São Francisco, dentre outros);
- Vincular a educação à legislação, às políticas públicas, às medidas de controle e às decisões adotadas para a relação com o meio ambiente humano (DIAS, 2003).

Como se percebe, o turismo religioso de Bom Jesus da Lapa é muito complexo e, portanto, este trabalho não se dá por encerrado: apenas inicia uma discussão que carece de novos olhares, novas pesquisas, em diferentes contextos sociais.

6. REFERÊNCIAS:

ALVES, Roque Silva. **A arte de rezar dos romeiros no santuário do Bom Jesus da Lapa: tradição e inovação.** Bom Jesus da Lapa-BA: Gráfica e Editora Bom Jesus, 2014.

BARBOSA, Antônio. **Bom Jesus da Lapa: antes de Monsenhor Turíbio, no tempo de Monsenhor Turíbio e depois de Monsenhor Turíbio.** RJ: Jotanesi, 1996.

BARRETTO, M. As ciências sociais aplicadas ao turismo. In: SERRAMO, C.; BRUHNS, H.; LUCHIARI, M. **Olhares contemporâneos sobre o turismo.** São Paulo: Papyrus, 2000.



BERGER, P. Religião e construção do mundo. In: **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Palmas, 1985, p. 15-113.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. São Paulo: EDUSC, 2003.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** (2016). Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=290390&search=||info%EF5es-completas>. Acesso em 05 de abril de 2016

CARNEIRO, A. **Pelo São Francisco**: estrutura geológica e mineral. In: Laboratório. Salvador, n. 3, 1905.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. **A topografia do sagrado e a natureza mítica das cidades-santuários**: uma leitura a partir de Bom Jesus da Lapa/BA. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 24, P. 33-43, Jul./Dez. de 2008.

CORIOLO, L.; LEITÃO, C.; VASCONCELOS, F. Turismo, cultura e desenvolvimento na escala humana. In: CORRÊA, M.; PIMENTA, S.; LACERDA, J. **Turismo, sustentabilidade e meio ambiente**: contradições e convergências. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DIAS, Reinaldo. **Turismo sustentável e meio ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003.

GIRARD, René. *O sacrifício*: A gênese dos mitos e dos rituais: os deuses, os mortos, o sagrado, a substituição sacrificial. In: _____. *A violência e o sagrado*. Tradução de Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1988 p.11- 57, 117-152, 313- 341.

KOČIK, Lucas. **Maravilhas do santuário de Bom Jesus da Lapa**. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 1988.

MONTORO, Tânia Siqueira. **Cultura do turismo**: desafios e práticas socioambientais. Brasília: Theasaurus, 2003.

OLIVEIRA, Christian Denny Monteiro de. **Turismo religioso**. SP: Aleph, 2004.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. **Bom Jesus da Lapa**: três romarias, um patrimônio e muita fé. Revista eletrônica de turismo cultural. Volume 02, n. 01, 2008.

OLIVEIRA, S. **Romaria do Bom Jesus da Lapa**: prática do catolicismo popular. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 21, n. 4/6, p. 249-268, abr./jun. 2011.

SEGURA, Turíbio Vilanova. **Resenha Histórica de Bom Jesus da Lapa**. RJ, 1937.



STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.